

5. Construções identitárias em narrativas sobre o processo de sair do armário

Blommaert e Jie caracterizam narrativas como “os diamantes puros das entrevistas etnográficas” porque ao contar narrativas, as pessoas produzem significados socioculturais e performances identitárias muito complexos (2010: 52). As narrativas sobre o processo de sair do armário de pessoas que se identificam como bissexuais nos permitem entender não somente como constroem suas identidades, mas como elas compreendem o termo “bissexual(idade)” e a relevância e influência do termo nos contextos situados das suas vidas. Nesta seção, vamos examinar como Olímpia, Nádia e Flávia constroem discursivamente suas performances identitárias bissexuais e seus entendimentos da palavra “bissexual(idade)” nas narrativas que contam sobre o processo de sair do armário. Concentrar-nos-emos na estrutura das narrativas e quais *táticas de intersubjetividade* (Bucholtz e Hall 2003, 2004, 2005; ver seção 4.2.3) são empregadas pelas agentes nas suas construções identitárias¹. Veremos também que tipo de efeitos secundários tem o uso² dessas táticas, particularmente a desestabilização ou reforço das dicotomias heteronormativas e da ideia da bissexualidade como uma combinação da heterossexualidade e homossexualidade.

5.1 Olímpia

Olímpia é uma jovem ativista que tinha 17 anos na época da entrevista e que se identifica como bissexual (ver seção 4.5.1 para uma contextualização mais detalhada). No extrato da entrevista a ser analisado aqui, começo a entrevista pedindo para Olímpia contar a sua história de sair do armário. Podemos ver este extrato como uma narrativa grande que abrange múltiplas narrativas menores com graus diferentes de complexidade. Como sugere Wood (1997), essa estruturação de várias narrativas menores embutidas em uma narrativa maior

¹ As táticas de intersubjetividade (*autenticação, autorização, adequação*, etc.) serão sempre mencionadas em *grifos* para destacá-las na análise sem chamá-las repetidamente de “táticas de intersubjetividade”.

² Em inglês, autoras como Bucholtz e Hall (2003, 2004, 2005) e Morrish e Sauntson (2007) tendem a falar do “deployment of the tactics” em vez do “use of the tactics”, frisando que as táticas geralmente não são empregadas de propósito. Dado que em português não há duas palavras distintas para “deployment” e “use”, é importante lembrar que nesta pesquisa não escrevo “uso” com uma conotação de “uso proposital/intencional”.

pode refletir o processo complicado de sair do armário (que inclui o processo de se “descobrir” não-heterossexual e o processo de revelar essa performance identitária a outras pessoas). Lembramos que, como discutimos no Capítulo 4, o “sair do armário” não é um evento que acontece uma vez só; é um processo composto por inúmeros atos repetidos de assumir-se. Esse processo dura a vida inteira das pessoas que fazem uma performance não-heterossexual por causa da tendência na sociedade heteronormativa de presumir que um indivíduo seja heterossexual até ele se revelar (ou ser revelado) “diferente” (ver Sedgwick 1990). Destarte, é impossível que Olímpia tenha uma única história de sair do armário; terá necessariamente um número infinito de tais histórias.

0001	Eli	Eu pensava para para começar de só::
0002		de você contar sua história de de sair do armá:rio.
0003	Olímpia	Ah eu na verda::de, na verdade não tive uma histó:ria de °sair do armário°.
0004		Porque é assim, minha família sempre foi muito:: (.) <aparentemente liberal>,
0005		cê sabe. Aí (.) eu fui cresce:ndo né, não sei o quê:: e... gostava de
0006		meni::no... e aí eu >olhava para as< meni::nas (.)>mas continuava ficando
0007		com os meninos e continuava olhando para as meninas<. E eu desde muito
0008		pequena eu não fui a mais feminina mais delicada mais que gosta de
0009		Ba::rbie a mais... a mais padrão feminino. Nunca fui assim. E aí eu: (.)↑eu,
0010		foi foi bem natural assim, foi natural (2.0) Fiquei com: u:ma menina no
0011		colégio, >tipo sei lá na sexta sé:rie<.
0012	Eli	Ah no sistema brasileiro eu não sei,
0013		sexta série seria tipo quantos [anos de idade]?
0014	Olímpia	[Ah (.) sei lá::] ti- uns onze anos (.)
0015		uns doze anos uma coisa assim.
0016	Eli	Ah >na verdade era °tipo°< bem cedo quando você já...
0017	Olímpia	É. Foi tipo- eu nem lembro qual foi a circunstância, >acho que foi< tipo
0018		uma brincadeira assi:m, eu gostei:. E eu já tinha um estilã: assim, mais
0019		mais larga:do, mais... não teve muito uma coisa assim... A primeira vez,
0020		que eu le:mbro me:smo, foi que te- tem aqueles postais, aqueles cartões que
0021		tem no bar para pegar.
0022	Eli	Sim.
0023	Olímpia	E aí tinha umas duas meninas se beija:ndo e o escrito “toda forma de amor
0024		é sagrado”. Aí eu peguei >porque eu tinha essa mania de pegar esse
0025		cartões<, eu peguei esse. E aí esse eu coleí na porta do meu armário. E aí
0026		minha mãe eu coleí e tipo o dia seguinte ela ((imita a mãe))
0027		↑“Tira ISSo da porta do armÁRio” não [sei o quê] e nana.
0028	Eli	[hh]
0029	Olímpia	E aí eu guardei.
0030	Eli	() [()] sair do armário mesmo! Hh
0031	Olímpia	[Aí]
0032	Olímpia	É! HH
0033	Eli	Muito bom.
0034	Olímpia	Aí eu guardei. Aí depois uma:: uns dias depois uma semana depois
0035		eu botei de novo e ela nunca mais falou para (eu tirar) até hoje.
0036	Eli	Mm hm.
0037	Olímpia	E no curs- aí depois muitos anos depois passou o tempo e nananana,
0038		dois mil e... no::ve, >o ano passa::do<, teve o curso do Arco-Íris.
0039	Eli	Mm.

0040	Olímpia	E aí quando eu falei eu fui tipo “ah” de boa (.) “↑M _{ãe} , Grupo Arco-↑Íris,
0041		faz a passei:ta, me convidou para um cu:rs _o ³ , >para meninas lésbicas e
0042		bissexuais<” >e ela< “Você não va::i, ni::sso. Cê não tem nada a ↑ve::r.
0043		Cê não tem que ficar (.) levantando esse tipo de bandeira” e eu “Mãe, que
0044		tipo de-” porque eu sempre também fui muito de manifestar.
0045	Eli	Mm
0046	Olímpia	Eu sempre estudei (.) em colégio particu:lar, e ia em passeata de passe
0047		livre ⁴ , sabe. Aí ela “Cê não tem que levantar esse tipo de bande:ira,
0048		(que droga)” e () ↑“Mas tem tudo a ver comigo! Eu gosto de menina.”
0049		E aí ela fez- ela (.) tipo (.) deu um tilt <u>assim</u>
0050		((faz um movimento mostrando a surpresa da mãe))
0051	Eli	Hhh
0052	Olímpia	e continuou falando “↑NEH↓UH↑EH[↓UH↑eh↓uh↑eh]”
0053	Eli	[HHHHH]HH
0054	Olímpia	↑Porque, eu não sei, se ela não quis entender.
0055	Eli	Mm hm.
0056	Olímpia	Se ela fingiu que não entendeu... ↑Não sei, só sei que quando eu falei
0057		ela deu um tilt <u>assim</u> , >olhou por um lado olhou pelo outro<, e continuou
0058		falando, sabe. Aí depois do Arco-Íris, também, mui-, nada de mais
0059		mudou::, tenho alguns (.) primos mais novos e aí eles perguntaram tipo,
0060		>eu ando com a camisa do Arco-Íris<, “Ah, o que que é i::sso? Não sei o
0061		quê” e aí eu falo ↑super natural “Gosto de menino gosto de menina
0062		também”. E também tem a questão do que eu desenho:: (.) nu feminino.
0063	Eli	Mm hm.
0064	Olímpia	>Eu desenho anatomia feminina<. E também eu fui reparando
0065		que era uma coisa que eu desenhava desde pequena. A mina irmã fazia
0066		moda. E aí (.) como eu tinha que desenhar em casa, ti- desenhava biquíni
0067		com oito anos. Mulher de biquíni a mulher nua são tipo duas peças de
0068		roupa. Sabe? E eu desenhava, eu fui reparando isso. °Não tenho muitas
0069		histórias da minha sexualidade [assim]. Não é nada de mais°.

É uma narrativa complexa, composta de várias outras narrativas para explicar vários aspectos do processo de sair do armário e da construção da sua identidade de bissexual. Em termos labovianos, a narrativa de Olímpia é do tipo “bem desenvolvido” porque contém os seguintes elementos: resumo, orientação, ação ou ações complicadora(s), avaliação, resultado ou resolução e coda (ver Labov 1972), que veremos mais detalhadamente em breve. Vamos examinar primeiramente a estrutura da narrativa abrangente; posteriormente voltaremos a considerar individualmente as narrativas menores. Olímpia começa com o resumo “na verdade não tive uma histó:ria de °sair do armário°” (linha 3). Embora pareça um resumo falso porque a seguir ela conta *várias* histórias, reflete uma ideia que ela expressa posteriormente durante a entrevista – que as suas histórias de sair do armário não “contam” porque não são dramáticas como aquelas de outras pessoas que experimentaram dificuldades maiores como serem

³ O curso ao qual Olímpia se refere se chamava “Cidadania Queer”.

⁴ Manifestações para a redução ou eliminação do custo da passagem de ônibus.

expulsas de casa e terem que se prostituir (ver linhas 490 a 497 na transcrição completa).

Em seguida, Olímpia oferece uma larga orientação, começando na linha 4 e terminado na linha 10, que inclui informações contextuais sobre a sua vida: a sua família (linha 4), a sua infância e sua identidade de gênero (linhas 7 a 10) e o fato de gostar de meninos e meninas enquanto ela crescia (linhas 5 a 7). Nesses trechos, é utilizada a tática de intersubjetividade de *autorização*, usando a ideia de uma feminilidade não-padrão (“eu não fui a mais feminina mais delicada mais que gosta de Barbie”) para autorizar a sexualidade não-heteronormativa. Porém, ao legitimar sua identidade dessa maneira, Olímpia também reforça três discursos heteronormativos: o dualismo heteronormativo do sexo biológico ligado a um gênero correspondente, os padrões heteronormativos de masculinidade e feminilidade e o estereótipo das mulheres biológicas não-heterossexuais serem masculinizadas nas suas performances de gênero. Vemos a influência das opções discursivas da matriz heteronormativa nas construções identitárias de pessoas que fazem performances não-heteronormativas. Na prática, a construção discursiva da experiência vivida de fazer performances não-heteronormativas não reflete necessariamente a construção de tais performances da filosofia não-essencialista da Teoria *Queer* (ver Jones 2009).

Depois das orientações, há uma série de ações complicadoras (uma sequência de ações importantes ou extraordinários na vida de Olímpia que contribuíram ao reconhecimento da sua identidade bissexual e de sair do armário; não necessariamente momentos de complicação no sentido de conflito), que analisaremos posteriormente como narrativas embutidas: as histórias da primeira vez que ela beijou uma menina (linhas 10 a 18), da reação da mãe aos cartões postais (linhas 19 a 35), da reação da mãe ao curso do Grupo Arco-Íris (linhas 37 a 58), de contar para os primos sobre a sua identidade bissexual (linhas 58 a 62) e de desenhar mulheres nuas (linhas 62 a 68).

Olímpia não oferece uma avaliação da narrativa abrangente (há, porém, avaliações nas narrativas embutidas que serão analisadas nas próximas subseções) e para resolvê-la diz simplesmente “Não tenho muitas histórias da minha sexualidade assim” (linhas 68 a 69). Essa resolução parece bastante contraditória, dadas as várias histórias que Olímpia contou, porém está ligada ao resumo original onde ela “não t[e]ve uma história de sair do armário” (linha 3) e

a sua ideia de que as histórias “verdadeiras” de sair do armário são aquelas das pessoas que experimentaram muitas dificuldades e complicações. As frases finais “Não tenho muitas histórias da minha sexualidade assim. Não é nada demais.” (linhas 68 a 69) funcionam simultaneamente como uma resolução e coda. Como resolução, essas frases provam o ponto original de Olímpia: que para ela o processo de sair do armário não foi tão difícil quanto pode ser para outras pessoas. Como coda, as frases apontam a conclusão da narrativa abrangente e criam uma ligação entre o passado e o presente, “criando uma ponte entre o momento do tempo ao final da narrativa mesma e o presente. Trazem o/a narrador/a e o/a ouvinte de volta ao ponto no qual entraram na narrativa” (Labov 1972: 365). Agora analisaremos de maneira mais detalhada as narrativas embutidas.

5.1.1 Primeiro beijo

Após as orientações sobre a sua vida nas linhas 4 a 10, Olímpia pausa durante dois segundos e logo conta rapidamente a história do seu primeiro beijo com uma menina (linhas 10 a 18). A narrativa não é complexa; é uma “narrativa mínima” – “uma sequência de duas proposições narrativas restritas, temporalmente ordenadas, de maneira que uma mudança em sua ordem resultará na mudança na sequência temporal da interpretação semântica original” (Labov 1972: 360, tradução de J. Ferreira e V. Oliveira). Essa história inicia-se com o que parece ser um resumo: “Fiquei com: u:ma menina no colégio, >tipo sei lá na sexta sé:rie<” (linhas 10 a 11); porém, visto o pouco desenvolvimento posterior, esse resumo acaba sendo também a única ação complicadora. Depois, co-construímos outras orientações sobre a idade dela (linhas 12 a 17) e ela explica o contexto do beijo: que começou como uma “brincadeira” (linhas 17 a 18). Oferece a avaliação “eu gostei:” (linha 18) para marcar o descobrimento de gostar de meninas baseado na experiência concreta do beijo; essa avaliação funciona também como ação complicadora (o *ato* de gostar) e resolução da história. Finalmente, Olímpia fala do seu estilo de se vestir, lembrando as orientações oferecidas anteriormente na narrativa abrangente sobre ela como alguém que desde criança não era “a mais padrão feminino” (linhas 7 a 9). Como no caso do final da narrativa abrangente, ela termina a história com a coda “não teve muito uma coisa assim” (linha 19), sublinhando outra vez a falta de dificuldades

maiores no sair do armário e trazendo o/a ouvinte de volta ao ponto original da narrativa. Embora essa narrativa tenha alguns elementos que são característicos das narrativas “bem desenvolvidas”, na minha opinião não chega a esse nível de complexidade por causa da falta de detalhes e ações complicadoras múltiplas.

A história da experiência de beijar uma menina é relacionada às orientações iniciais da narrativa abrangente, quando Olímpia menciona que desde pequena “olhava para as meninas, mas continuava ficando com os meninos” (linhas 6 e 7). Em justaposição com o período da vida quando ela reconhecia gostar de meninos e meninas, mas tinha beijado somente meninos, o fato de beijar uma menina e gostar do beijo funciona como uma “prova concreta” da sua bissexualidade. Destarte, é utilizada a tática de *autenticação* para construir uma identidade acreditável e “real” através das experiências de vida – de olhar para meninos e meninas e de beijar meninos e meninas. A repetição da explicação de não ter sido heteronormativa desde a infância (linhas 7 a 9) também funciona como uma “prova concreta” da sua identidade bissexual. No próximo capítulo, exploraremos a estratégia de oferecer “provas concretas” da bissexualidade para *autenticar* e *autorizar* a identificação como bissexual quando lidando com pessoas que acreditam que a bissexualidade não existe.

5.1.2 A reação da mãe aos cartões postais pro-LGBT

Depois de terminar a narrativa não-complexa sobre o beijo, Olímpia pausa brevemente e logo começa a contar uma narrativa mais complexa sobre uns cartões postais com uma imagem de duas meninas se beijando e a reação da mãe quando Olímpia os colocou na porta do armário (linhas 19 a 35). Olímpia não oferece um resumo para nos mostrar a direção que a narrativa vai tomar; começa diretamente com a frase de orientação “A primeira vez, que eu lembro mesmo” (linhas 19 a 20) para situar a história – antes do primeiro beijo, ela já tinha sentido atração sexual por mulheres. O pedido da mãe de tirar o cartão postal da porta do armário (linha 27) é a primeira ação complicadora importante, seguido pelas ações de guardar o postal (linhas 29 e 34) e de colocá-lo de novo (linhas 34 a 35).

Embora Olímpia não ofereça uma avaliação explícita dos acontecimentos, sua performance imitando a voz da mãe com grandes mudanças de volume e tom (↑“Tira ISSo da porta do armÁRIO”, linha 27) é uma avaliação implícita de

crítica à mãe. Conforme De Fina et. al., os/as narradores “podem exprimir suas posições sobre uma variedade de problemas sociais como papéis de gênero, raça e etnia sem afirmar abertamente suas opiniões” (2006: 11). Embora Olímpia não critique diretamente a mãe, fica clara sua posição política de não aprovar as pessoas (como a mãe) que não aceitam a não-heteronormatividade. Como observa Richard Bauman, “Desta maneira, as performances chamam a atenção especialmente para o ato de expressão e a quem o performa, e provocam uma consciência mais arguciosa de ambos” (1986: 3). A performance de Olímpia chama atenção à não-aceitação da mãe e o/a ouvinte fica ciente da crítica que Olímpia performa; destarte, a avaliação é implícita, mas fortemente notável.

Ela fecha a narrativa com a resolução “e ela nunca mais falou para eu tirar até hoje” (linha 35). Essa narrativa é mais complexa do que a anterior, embora faltem o resumo inicial e a coda final. Continuaremos a considerar essa narrativa na próxima subseção, comparando-a com a próxima narrativa envolvendo a mãe.

5.1.3 A reação da mãe ao curso do Grupo Arco-Íris

Depois da resolução da narrativa sobre a reação da mãe aos cartões postais pro-LGBT, Olímpia começa imediatamente a contar outra narrativa complexa sobre a reação da mãe quando Olímpia lhe disse que ia fazer um curso de Cidadania *Queer* com o Grupo Arco-Íris (linhas 37 a 58). A narrativa anterior também funciona como uma orientação para entender a reação da mãe nesta narrativa. Como na narrativa dos cartões postais, Olímpia não oferece um resumo; começa falando diretamente do curso, mas se interrompe (“E no curs-”, linha 37), fazendo um reparo para oferecer algumas orientações que ligam temporalmente essa narrativa com a anterior (“aí depois muitos anos depois [...] >o ano passa::do<, teve o curso do Arco-Íris”, linhas 37 a 38).

A seguir, Olímpia conta uma série de ações complicadoras: primeiro, quando ela explica à mãe que vai fazer um curso para meninas lésbicas e bissexuais (linhas 40 a 42); segundo, a resposta negativa da mãe (linhas 42 a 43);

terceiro, quando ela diz diretamente à mãe que ela gosta de meninas (linha 48)⁵ e, finalmente, a reação da mãe a essa revelação (linhas 49 a 52).

Olímpia oferece dois tipos de avaliação dos acontecimentos. Primeiro, assim como na narrativa anterior, ela imita a mãe com grandes mudanças de volume e tom (“Você não va::i, ni::sso. Cê não tem nada a ↑ve::r”, linha 42, e “NEH↓UH↑EH↓UH ↑eh↓uh↑eh”, linha 52). O segundo exemplo é particularmente forte: Olímpia escolheu não recontar as palavras da mãe; simplesmente imitou o tom de voz com um grito de reclamação. Essas performances são avaliações implícitas que criticam a mãe por não apoiar a identidade não-heterossexual da filha. Segundo, porém, Olímpia faz uma avaliação explícita da situação em um tom de voz mais sério, dizendo que ela não tem certeza se a mãe não entendeu que sua filha estava se assumindo como não-heterossexual ou se a mãe só fingiu não entender (linhas 54 a 56). Interessantemente, graças à performance da imitação da mãe, as avaliações implícitas são mais salientes do que as avaliações explícitas. Servem também para reforçar a identidade sexual performada por Olímpia através da tática de *distinção* – a criação de uma situação de “nós” contra “os/as outros/as” –; a caracterização da mãe como uma pessoa fechada que não quer aceitar a performance identitária de sexualidade da filha é justaposta contra a caracterização de Olímpia como uma pessoa aberta que foi “de boa” (linha 40) para assumir a sexualidade na frente da mãe.

A resolução da narrativa se encontra nas linhas 57 e 58, quando Olímpia reconta a quarta oração narrativa sobre a resposta da mãe, mas sem repetir a performance da imitação. Ela não adiciona uma coda; a narradora começa diretamente a contar a próxima narrativa, que analisaremos na subseção seguinte. Essa narrativa da reação da mãe ao curso do Arco-Íris é mais complexa do que as outras – embora não contenha um resumo e uma coda, inclui várias ações complicadoras e avaliações.

⁵ De fato, Olímpia começa a terceira ação complicadora antes da linha 48, nas linhas 43 a 44, mas se interrompe (“Mãe, que tipo de-”), fazendo outro reparo para oferecer orientações sobre a sua propensão para manifestar (linhas 44 a 47), para me ajudar a entender sua resposta à frase da mãe “Cê não tem que ficar levantando esse tipo de bandeira” (linha 43) ao final da segunda ação complicadora.

5.1.4 Os primos

A narrativa anterior sobre a primeira vez que Olímpia revelou diretamente à mãe que gosta de meninas serve como uma orientação para a próxima narrativa, na qual Olímpia conta uma história de falar diretamente sobre a sua identidade sexual para seus primos (linhas 58 a 62). Mais uma vez, Olímpia começa a narrativa sem resumo; oferece diretamente uma orientação sobre o passar do tempo (“Aí depois do Arco-Íris [...] nada de mais mudou:”, linhas 58 a 59) para ligar esta narrativa com a anterior. Oferece breves orientações sobre os primos (linha 59), começa a contar a ação complicadora (final da linha 59), mas se interrompe para oferecer outra orientação (“>eu ando com a camisa do Arco-Íris<”, linha 60) para contextualizar a ação complicadora dos primos que queriam uma explicação da camisa (linha 60). A seguir, conta a segunda ação complicadora que funciona também como resolução (“eu falo ↑super natural “Gosto de menino gosto de menina também””, linhas 61 a 62).

Como nas narrativas sobre a mãe, Olímpia imita a fala dos primos (“Ah, o que é i:isso?”, linha 60) como uma avaliação implícita de repreensão deles não por terem entendido ou gostado da camisa LGBT; porém, a performance da imitação é menos dramática do que aquela da mãe, indicando uma crítica menos forte em relação aos primos. Adicionalmente, a orientação sobre a segunda ação complicadora, explicando que Olímpia falou “super natural” (linha 61), funciona também para insinuar que Olímpia sente orgulho por ter a coragem de se assumir como bissexual para outras pessoas da família.

5.1.5 Desenhos de mulheres nuas

Após a narrativa anterior, Olímpia começa diretamente a contar uma última história (linhas 62 a 68). Dessa vez, ela começa com um resumo: “tem a questão do que eu desenho nu feminino” (linha 62). Oferece algumas orientações sobre esta atividade: que começou quando era criança (linha 65) e que sua irmã estudava moda (linhas 65 a 66). Não há uma ação complicadora específica, só uma generalização no tempo imperfeito sobre suas atividades (“desenhava biquíni com oito anos”, linha 66 a 67); por isso, essa parte da narrativa abrangente pode ser vista como uma narrativa parcial que Olímpia começou a desenvolver, mas não como uma narrativa completa. Essa parte pode ser vista

também como outras orientações, parecidas àquelas do início da narrativa abrangente sobre a sua infância.

Depois, oferece a avaliação “Mulher de biquíni a mulher nua são tipo duas peças de roupa” (linhas 67 a 68), sugerindo que seu desejo pelo corpo feminino tinha começado já desde muito cedo, aos oito anos de idade. Aqui vemos o uso da tática de *autenticação* mais uma vez para construir uma identidade acreditável através de experiências de vida. Através da decisão de explicar que ela estava interessada no corpo feminino desde criança também é *autenticada* a sua identidade mostrando que é de longa duração – embora o arcabouço teórico desta pesquisa apoie a visão fluida (temporal) das identidades, na prática as pessoas bissexuais frequentemente sofrem preconceito por sua sexualidade ser vista como uma fase temporária (experimentação antes de se definir como heterossexual, ou como um passo intermediário antes de se declarar homossexual). É importante considerar o efeito que possam ter tais preconceitos na fala de Olímpia. Como nota Riessman, “as narrativas dos indivíduos estão situadas não somente em interações particulares, mas também em discursos sociais, culturais e institucionais, que devem ser trazidos nas interpretações delas” (1993: 61).

Essa última parte e certas orientações da narrativa abrangente (“fui crescendo [...] e continuava olhando para as meninas”, linhas 6 e 7; “não fui [...] a mais padrão feminino”, linhas 8 e 9) tem a função não somente de contextualizar mas também de *autenticar* a identidade duradoura bissexual, talvez antecipando eventuais objeções e mostrando que ela pertence àquele grupo. Como nota Linde,

As histórias de vida expressam nosso sentido do eu: Quem somos e como chegamos a ser assim. Também são um meio importante através do qual comunicamos este sentido do eu e o negociamos com outras pessoas. Adicionalmente, usamos estas histórias para afirmar ou negociar nosso pertencimento a um grupo e para demonstrar que de fato somos membros merecedores desses grupos [...]. (1993: 3)

Conforme Linde, Olímpia não somente expressa seu sentido do “eu”, mas também usa certas narrativas para mostrar que pertence à comunidade imaginada (ver Anderson 1983) bissexual e à comunidade LGBT (ver também Fenge, et. al. 2010).

5.1.6 Considerações finais sobre a história de sair do armário de Olímpia

A estrutura de várias narrativas menores com níveis diferentes de complexidade embutidas em uma narrativa maior reflete o processo complicado de sair do armário. Sair do armário não é um ato único e isolado; por causa da pressuposição da sociedade heteronormativa de que todos/as sejam heterossexuais, é necessariamente um processo envolvendo infinitos atos repetidos de revelar a sexualidade não-heterossexual (ver Sedgwick 1990; Chambers 2009). Destarte, Olímpia terá um número infinito de histórias de sair do armário. O que é interessante, portanto, são *quais* as histórias que ela escolhe contar na sua “reconstrução seletiva” do passado (Riessman 1993: 64): é *autenticada* a sua performance identitária bissexual como algo duradouro e não uma fase de experimentação através de histórias que mostram tendências bissexuais desde a infância, essa performance é *autorizada* através de construções de uma feminilidade não-padrão e Olímpia se posiciona como alguém segura dessa identidade através de narrativas sobre as vezes que saiu do armário sem hesitação para a mãe e os primos.

5.2 Nádia

Nádia é uma ativista que tinha 21 anos na época da entrevista e que se identifica como bissexual (ver seção 4.5.2 para uma contextualização mais detalhada). A história do processo de sair do armário de Nádia é mais longa (entre linha 14 e linha 291 da transcrição) que a de Olímpia, o que pode refletir, além de diferenças no estilo pessoal de narração, o fato de ela ser quatro anos mais velha que Olímpia e ter tido mais experiências para contar. Como Olímpia, Nádia conta várias narrativas para desenvolver sua história do processo de sair do armário. À diferença de Olímpia, cuja história tinha a estrutura de uma narrativa complexa abrangente composta por vários episódios narrativos com graus diferentes de complexidade, Nádia conta uma série de narrativas encadeadas. Em geral, seu modo de encadear as narrativas inclui longos trechos de orientações e avaliações, contextualizando o momento da sua vida e seu estado mental e sentimental para o/a ouvinte. Como vimos na seção anterior, Olímpia voltou ao argumento inicial do resumo na resolução e coda da narrativa abrangente; Nádia, por outro lado, não volta ao argumento inicial ao final da sua história. A seguir,

antes de começar a análise, vamos mapear a estrutura da história do processo de sair do armário de Nádia.

Nádia começa com um resumo que afirma nunca ter tido um momento concreto de sair do armário para a família e oferece uma contextualização do âmbito familiar. Subsequentemente, conta uma narrativa sobre a primeira vez que sentiu curiosidade e desejo por meninas e encadeia essa narrativa com outra sobre a primeira vez que beijou uma menina. Depois, oferece uma longa série de orientações e avaliações sobre seu grupo de amigos/as e suas experiências sexuais com meninas, antes de explicar como começou sua primeira relação séria com uma menina, Alícia. A seguir, conta uma narrativa complexa sobre a reação da mãe a essa relação e os problemas que a não-aprovação da mãe gerou para o namoro. Essa narrativa complexa pode ser dividida em cinco movimentos: (1) uma narrativa sobre quando a mãe viu as duas meninas vendo um filme juntas e intuiu que era uma relação que ia além da amizade, (2) dentro desta narrativa, uma outra narrativa mais breve sobre a vez que a mãe a tinha visto beijando uma menina, (3) um retorno ao que aconteceu quando a mãe viu Nádia e Alícia juntas, (4) depois, uma narrativa mínima sobre como a mãe a ameaçou com tirar a guarda do seu filho depois de ter intuído que ela e Alícia tinham uma relação íntima e (5) uma conclusão explicando como esses problemas afetaram o namoro entre as duas meninas e como essas dificuldades foram superadas. Depois dessa narrativa complexa, Nádia oferece outra longa série de orientações e avaliações explicando um período de questionamento no qual se perguntava se era lésbica e como chegou à conclusão de que se identifica como bissexual. A narradora ilustra essa conclusão com outra narrativa, sobre uma vez que se relacionou com um homem durante um período quando ela e Alícia tiveram um rompimento sério no namoro. A seguir, oferece outra longa série de orientações e avaliações explicando como essa breve relação com o homem afetou Alícia, discutindo também problemas de preconceitos relacionados a performances identitárias bissexuais. Finalmente, termina a história do processo de sair do armário com umas avaliações sobre sua relação com Alícia e sua performance identitária bissexual, e a resolução de ter “concretizado” seu entendimento da sua performance identitária bissexual para ela mesma. Em geral, seu modo de encadear as narrativas inclui longos trechos de orientações e avaliações, contextualizando o momento da sua vida e seu estado mental e sentimental para

o/a ouvinte. Dada a extensão da história do processo de sair do armário, vamos analisar individualmente somente algumas das narrativas que a compõem (a transcrição completa está disponível nos anexos).

5.2.1 Início e contextualização da família

Nádia começa sua história do processo de sair do armário com uma longa série de orientações sobre o seu contexto familiar, antes de contar a primeira narrativa.

0014	Nádia	<nunca tive aquele momento> assim >que geralmente as pessoas<, né?,
0015		quando eles descobrem, tem aquele divisor de á::guas h
0016	Eli	h
0017	Nádia	de dizer “ah” né? reunião de famí::lia, pra (.) pra (.) dar a a notí::cia né?
0018		<u>Sou isso sou</u> aquilo sou não sei o que. Até porque não tenho eh eh::
0019		muita:: (.) liberda:::de, né? Sempre foi uma co- se::xo ()
0020		sempre foi uma coisa muito (.) .h né? assim para abaixo da tape::te
0021		na minha ca::sa era era:: aqui::lo e ponto, né?
0022		E até na heteronormatividade era difícil o diálogo.
0023		Então eu nunca tive esse momento, mas assim a minha família sa::be, né?
0024		muito em em: (.) em razão da minha relação com a Alicia. Né?
0025		Não esco::ndo (.) das pessoas que estou com e::la. Sabe?
0026		També::m, não anunci::o, né?: >Tou na casa da Alicia vou sair com a Alicia
0027		tou saindo com a Alí::cia< entendeu?
0028	Eli	°Sim°
0029	Nádia	Essas coisas. E aí fica não sei né? Talvez meu pai tenha ainda
0030		uma dúvida uma esper[a::nça] ou uma coisa assim, né?
0031	Eli	[hh]
0032	Nádia	De não querer me ver. Mas obviamente todo mundo sabe.

Nádia começa sua história do processo de sair do armário com o resumo “<nunca tive aquele momento> assim >que geralmente as pessoas<, né?, quando eles descobrem, tem aquele divisor de á::guas” (linhas 14 a 15) e que nunca fez uma “reunião de famí::lia pra [...] dar a a notí::cia” (linha 17) e dizer “Sou isso sou aquilo sou não sei o que” (linha 18). A seguir, oferece uma série de orientações sobre a situação na sua família (linhas 18 a 22), frisando a falta de liberdade com os alongamentos na frase “muita:: (.) liberda:::de” (linha 19). Sublinha também o fato de que a família evitava falar de assuntos relacionados a sexo, usando a expressão “para abaixo da tape::te” (linha 20) e que na família era difícil falar de tais temas até em contextos de conversar sobre a sexualidade heterossexual, comentando “até na heteronormatividade era difícil o diálogo” (linha 22). Essa última frase sobre a heteronormatividade sugere que, na interpretação da família, a identidade sexual performada por Nádia é vista como heterossexual em certas situações e momentos e homossexual em outras.

Nádia oferece essas orientações sobre a família para explicar porque nunca lhes disse diretamente que não se identifica como heterossexual (“Então eu nunca tive esse momento”, linha 23), mas repete duas vezes que a família o sabe (“assim a minha família sa::be”, linha 23, e fechando a parte das orientações com “Mas obviamente todo mundo sabe”, linha 32). Para Nádia, a família vê sua performance identitária de bissexual por causa da sua relação com Alícia: “Não esco::ndo (.) das pessoas que estou com e::la. Sabe? Também, não anunci:o, né?: >“Tou na casa da Alícia vou sair com a Alícia tou saindo com a Alí:cia”< entendeu?” (linhas 25 a 27). A fala reportada na última elocução é dita mais rapidamente, o que pode refletir a maneira na qual Nádia fala de Alícia com a sua família, mencionando Alícia velozmente sem oferecer mais detalhes que pudessem indicar a natureza da relação. Desta maneira, no contexto familiar, Nádia parece habitar um espaço que é simultaneamente dentro e fora do armário: segundo ela, a família sabe que não se identifica como heterossexual apesar de ela nunca ter dito nada diretamente ao respeito. Decena (2011) usa o conceito do “sujeito tácito” como metáfora para explicar esse fenômeno, comparando o sujeito desinencial gramático (a possibilidade de dizer simplesmente “sou” em vez de “eu sou” porque o sujeito é implícito na conjugação verbal, chamado “sujeito tácito” em espanhol), com o entendimento implícito que pessoas como os pais de Nádia (supostamente) têm da performance identitária da sexualidade de outro indivíduo. A partir daí, propõe o “sujeito tácito” como “um arcabouço analítico que é atento à extensão, interação e interseção dos significados envolvidos na exposição pública, ou não, da identidade sexual dos/as informantes” (Decena 2011: 19), ou, nos termos da presente pesquisa, dos significados envolvidos em certas performances identitárias de sexualidade situadas que revelam ou não que o/a agente se identifica como bissexual, homossexual, etc.

Mais tarde durante a entrevista, Nádia conta uma narrativa sobre uma vez que a mãe entrou na casa e a viu com a sua namorada, Alícia, pela primeira vez, vendo um filme.

0155	Nádia	>a primeira reação dela foi “o que que está acontecendo den- den-<
0156		aqui dentro de casa? Você tá com e::la? >Você tá com ela?<”
0157		=e eu “>Não não não não<, não tou::, não tou::”...
0158		E: ma:s (.) de cara ela já sabia, me conhece muito bem
0159		acho que é uma coisa de mãe: assim, °né?° Me conhece muito bem.

Apesar de a mãe ter intuído que sua filha e Alícia estavam juntas, o fato de Nádia ter negado essas acusações, nunca admitindo diretamente ter uma relação amorosa com Alícia, a permite ficar na posição meio dentro meio fora do armário com a sua família ainda hoje.

Para Nádia, ela está implicitamente fora do armário no contexto familiar; porém, não podemos saber se os pais interpretam essas informações da mesma maneira e até que ponto há “conhecimento compartilhado” nessa “zona de cumplicidade” (Decena 2011: 20), por exemplo, se pensam que ela se identifica como bissexual ou se ela “se tornou” lésbica depois de um “período” de performar uma identidade heterossexual, no qual teve namorados e ficou grávida. Como um “sujeito tácito”, Nádia não pode ser entendida ou lida de maneiras fixas ou totalizantes (ver Decena 2011). Isso difere consideravelmente da performance de Olímpia, que, além de contar diretamente à família que sente atração por meninas, disse explicitamente “Gosto de menino gosto de menina *também*” (linhas 61 a 62), deixando bastante claro sua identificação como bissexual embora não use o rótulo.

Em outras situações fora do âmbito familiar, porém, particularmente em contextos de ativismo político LGBT, Nádia assume diretamente o rótulo de bissexual. Mais tarde durante a entrevista, ela explica que faz questão de fazer isso particularmente quando está com ativistas que pressupõem que ela seja lésbica.

0540	Nádia	E aí no meio do gru:po, <chego e falo>.
0541		Não vou me deixar pa- passar por uma coisa que eu não <u>sou</u> . /.../
0545	Nádia	>E ainda faço questão de deixar bem <u>cla::</u> ro qual é a minha orientação<,
0546		“Eu sou <u>bissexual</u> ”, sabe? /.../

Nestes casos, Nádia sai do armário criado pela homossexualidade presumida nos contextos LGBT. Abandona propositalmente o posicionamento ambíguo como “sujeito tácito” que não pode ser lida em maneiras fixas e assume um posicionamento como “sujeito bissexual”, assim insistindo que sua performance seja lida de uma certa maneira por ela escolhida. As razões para tal escolha estão vinculadas a discursos de preconceitos e problemas de discriminações e serão examinadas no próximo capítulo.

5.2.2 Primeiro desejo por meninas

Depois das orientações contextualizando a sua vida familiar, Nádia começa imediatamente a contar uma narrativa sobre a primeira vez que sentiu curiosidade e desejo por meninas.

0032	Nádia	De não querer me ver. Mas obviamente todo mundo sabe.
0033	Eli	°Sim°
0034	Nádia	Né? ... <u>Qua</u> :ndo eu senti vontade pela primeira ve:z de ficar com
0035		uma menina (.) tinha <u>doze</u> anos. E foi muito engraça:do porque assim, .h
0036		eh:: eu tava me arruma:ndo, >tipo< eu já tinha um um <u>círculo</u> >zinho
0037		de amizade na es<co::la, já meio:: assim, <u>desvirtuo::</u> so né?
0038	Eli	hh
0039	Nádia	Vamo colocá-la assim. E:: aí >eu tava me arrumando para <u>au::</u> la<,
0040		e: a >televisão tava ligada< na MTV::, eu tava vendo algumas coisas
0041		aleató:rias, não tava me ligando muito, que eu tava, me aprontando para
0042		sair. E aí em um desses (.) programas teve uma cena de um beijo de duas
0043		meninas dentro de uma piscina. E aquilo me chamou a <u>atenção</u> : [assim]
0044	Eli	[Mm hm]
0045	Nádia	Sabe? Eu pare::i, eu fiquei olha::ndo, achei lega::l, >achei interessante<
0046		mas assim nada (.) nada claro na minha cabeça. Né?
0047		Isso foi, pensar <u>depois</u> . <u>Então</u> eu saí de ca:sa com aquela <u>sensação</u> :: (.)
0048		enfim (.) >e esse mesmo dia dei um beijo numa amiga minha<.

Nádia começa essa narrativa complexa com o resumo “Qua:ndo eu senti vontade pela primeira ve:z de ficar com uma menina (.) tinha doze anos” (linhas 34 e 35). Subsequentemente, avalia a experiência dizendo que “foi muito engraça:do” (linha 35), mas sem dar importância à idade mencionada como orientação no resumo. Embora o resumo contenha essa orientação sobre a sua idade, à diferença de Olímpia, Nádia parece não se importar em estabelecer o fato de que gostava de meninas desde a infância.

A seguir, Nádia conta uma série de orientações para contextualizar o que estava fazendo – se arrumando e vendo a televisão sem prestar muito atenção – no momento de ter sentido este desejo e curiosidade de beijar uma menina (linhas 36 a 42). Ela interrompe as contextualizações sobre o que estava fazendo para mencionar outra orientação: “eu já tinha um um círculo>zinho de amizade na es<co::la, já meio:: assim, desvirtuo::so né?” (linhas 36 e 37). Assim, através da sua participação com esse grupo de amigos/as, ela se posiciona como uma pessoa que já fazia uma performance não-normativa (embora se possa dizer também que a figura do/a adolescente rebelde ou “desvirtuoso/a” seja bastante “normal”), preparando o terreno para a construção e *autenticação* da identidade sexual não-normativa. Isso é parecido à construção de Olímpia, que usou a ideia de uma performance de gênero não normativa para autenticar sua performance identitária

bissexual. À diferença de Olímpia, porém, a construção de Nádia não reforça binários heteronormativos de sexo/gênero/sexualidade.

As outras orientações sobre o que Nádia estava fazendo mostram, primeiro, que ela não foi procurar a imagem de duas meninas se beijando (“eu tava vendo algumas coisas aleatórias”, linhas 40 e 41); é algo que aconteceu casualmente. Segundo, o contraste nas ações complicadoras entre o fato de ela não estar prestando muita atenção à televisão (“não tava me ligando muito”, linha 41), e quando ela começa a prestar muito atenção (“Eu parei, eu fiquei olhando”, linha 45) depois de ter visto o beijo entre as meninas no programa televisivo (linhas 42 e 43), serve para frisar a importância desse momento no seu processo de construção identitária. Depois, ela oferece avaliações, dizendo “achei legal, >achei interessante<” (linha 45), mas que não foi “nada claro na minha cabeça” (linha 46) até mais tarde (linha 47). Ela termina a narrativa com a ação complicadora e resolução “Então eu saí de casa com aquela sensação:” (linha 47), frisando novamente a curiosidade e o desejo experimentados nessa primeira “descoberta” de interesse por meninas. Depois, encadeia esta narrativa com a próxima com a frase “enfim (.) >e esse mesmo dia dei um beijo numa amiga minha<” (linha 48), que serve como uma espécie de coda da narrativa sobre o beijo na televisão e o resumo da próxima narrativa que analisaremos. Considero-a uma “espécie” de coda porque nos leva a outro momento do passado, em vez de nos trazer ao presente como uma coda tradicional (ver Labov 1972).

5.2.3 Primeiro beijo com uma menina

Nádia encadeia a narrativa sobre o primeiro interesse em beijar uma menina diretamente com a narrativa sobre a primeira vez que de fato beijou uma menina.

0048	Nádia	enfim (.) >e esse mesmo dia dei um beijo numa amiga minha<.
0049		Eh:: a gente matando aula, já o final do ano, né?
0050	Eli	Sim
0051	Nádia	e tá:l. A gente matando aula, num: num mercado lá perto da escola onde
0052		a gente estuda::va. Uma galera de eska::stas, amigos no::ssos, né?
0053		Todo mundo ali na base da amiza::de. E aí assim, no meio de brincadei::ra
0054		a gente acabou fica:ndo pela primeira vez.
0055		Essa foi a menina com quem eu transei também pela primeira vez. Né?
0056		>Mais ou menos nessa< faixa, tre::ze a::nos,
0057	Eli	Sim
0058	Nádia	assim, por aí. E <u>daí</u> assim FOI, (.) né? /.../

Nádia começa a narrativa com o resumo “>e esse mesmo dia dei um beijo numa amiga minha<” (linha 48), caracterizando a experiência como um resultado da sua ação agentiva (“dei”), em contraste com a experiência de se interessar pelo beijo das meninas no programa televisivo, que ela caracterizou como um acontecimento casual. A seguir, oferece uma série de orientações sobre seu grupo de amigos/as e o que estava fazendo com eles/as no momento do beijo (linhas 49 a 53), frisando que o contexto era “na base da amiza::de” (linha 53). Depois, há a ação complicadora que também funciona como resolução da história: “no meio de brincadei::ra a gente acabou fica:ndo pela primeira vez” (linhas 53 a 54). Ao início parece que Nádia esteja contando essa história para construir uma identidade acreditável através de experiências de vida, por meio da tática de *autenticação*, como Olímpia na sua narrativa sobre o beijo com uma menina. Porém, nas orientações e na ação complicadora, Nádia caracteriza a experiência como parte de uma brincadeira amigável, em vez de parte de uma performance identitária bissexual.

Adicionalmente, há um contraste entre como o beijo é explicado no resumo e na ação complicadora. No resumo, a ação foi expressa mais ativamente, com o uso do verbo dar na primeira pessoa singular e a amiga posicionada como a “receptora” do beijo (“*dei um beijo numa amiga*”). Porém, na ação complicadora o beijo parece uma ação mais mútua, com o uso de “a gente”, e menos intencional, com o uso de “acabou ficando” em vez de “ficou”. Adicionalmente, em vez de ser uma história do primeiro beijo de Nádia com uma menina, a história se transforma na história do primeiro beijo com aquela menina em particular: Nádia termina a frase da ação complicadora dizendo “pela primeira vez”, sugerindo que depois as duas meninas ficaram mais vezes, um fato confirmado com a próxima frase, que serve de orientação sobre a relação com a menina e como a primeira parte de uma coda: “Essa foi a menina com quem eu transei também pela primeira vez” (linha 55). Essa parte da coda vincula a narrativa sobre o primeiro beijo a outro momento do passado, em vez de ao presente. Dessa vez, porém, Nádia não usa essa frase para encadear outra narrativa, mas termina com outra frase que funciona como a segunda parte da coda, vinculando as ações do passado ao presente: “E daí assim FOI” (linha 58). Essa frase marca a primeira relação sexual com uma menina como o ponto de partida para outras relações com mulheres. A frase funciona também como uma

avaliação indireta, sugerindo que gostou da primeira experiência, com a ênfase nas palavras “daí” e “FOI”, e que quis repeti-la. Dando, deste modo, importância à relação sexual com a menina, mais uma vez Nádia parece usar experiências concretas para *autenticar* a performance identitária bissexual. Porém, como veremos nas próximas seções, na sua maneira de entender a bissexualidade, para Nádia é mais importante experimentar afetividade de que ter relações sexuais.

Finalmente, é importante notar que apesar de contar o processo de sair do armário identificando-se como *bissexual* e não como lésbica, em suas narrativas Nádia se preocupa em estabelecer que sente desejo por meninas, mas não por meninos. Isso pode refletir a junção de três fatores: a heterossexualidade presumida que opera na sociedade, a maneira na qual sua estilização corporal tende a ser lida (como heterossexual) e a concepção da bissexualidade como uma combinação de heterossexualidade e homossexualidade. Durante outra conversa comigo e outro amigo, Nádia reclama que quando vai a festas GLS (gays, lésbicas e simpatizantes), os meninos se aproximam, mas as meninas não, porque supõem que ela se identifique como heterossexual. Isso pode ser porque sua estilização corporal é geralmente associada à feminilidade (e, por extensão, à heterossexualidade) – Nádia não faz uma performance *butch*, por exemplo, que possa ser interpretada como uma performance de lésbica. Por causa da sua estilização corporal e a heterossexualidade presumida (em geral se aceita facilmente que uma mulher com uma aparência feminina goste de homens), ela deve se preocupar em estabelecer que gosta de meninas, mas não de meninos. Isso reforça o binário de gênero e a ideia da bissexualidade como uma combinação de heterossexualidade e homossexualidade.

5.2.4 Da experimentação à primeira relação séria com uma mulher

A seguir, Nádia continua a oferecer uma série de orientações e avaliações sobre seus/suas amigos/as e sobre suas experiências sexuais com meninas. A maioria desse extrato funciona para dar as contextualizações necessárias, na opinião de Nádia, para entender a história sobre a sua primeira experiência afetiva com uma menina, que começa só na linha 88 e que será examinada depois.

0058	Nádia	assim, por aí. E daí assim FOI, (.) né? Fui muita de uma geração-
0059		eu vejo minha geração muito assim de experimenta::r e de: né?
0060		de s- se abrir para as oportunida::des, para as possibilidades
0061		>então até meu círculo que eu passei a frequentar depois disso< .h
0062		até os meni::nos me::smos tinham essas experiê::ncias de experimenta::r
0063	Eli	Sim
0064	Nádia	são muito ami::gos e fica::vam >para ver o que que< e::ra,
0065		>como é que< e::ra entendeu?
0066	Eli	Legal
0067	Nádia	Era uma coisa be::m bem assim, né? Sexo drogas e rock an roll h
0068	Eli	HHH
0069	Nádia	Então vamos (.) [vamos experimentar] TUdo, né?
0070	Eli	[HH HH]
0071	Nádia	o que a vida tem para oferec::er. E: .h daí assim, eu ficava com meni::nas
0072		eventualme::nte, eu passei a namorar o cara que veio a ser o pai
0073		do meu fi::lho, també::m nesse peri::odo, e às vezes a gente ficava com
0074		ami::gas ju::ntos e tal. Mas sempre levei tudo muito na brincadeira assim,
0075		porque eu nunca eh: (.) tinha gosta::do me::smo de uma meni::na, (.) né?
0076		Não tinha experiência sexual algu::ma, né? Para lidar com aqui::lo.
0077		E aí eu fui leva::ndo, né? assim >na base da brincadeira< (.) até que::
0078		alguns anos depois >eu meio que me (descubro) sabe<
0079		“eu fico com meni::nas eu gosto de ficar com meni::nas.
0080		Mas eu nunca vou me apaixonar por uma mulher,
0081		eu não me vejo apaixonada por uma mulher”
0082		então eu era uma: (.) bissexual meio TO::Rta, as[sim, eu conside::ro].
0083	Eli	[hh hh]
0084	Nádia	É, eu considero que era meio to::rta em virtude disso, >porque eu só me<
0085		relaciona::va só namora::va me::smo e tal com ho::mens, né?
0086		com mulheres eu não tinha (.) essa experiência <afeti::va>.
0087	Eli	Sim
0088	Nádia	Né? Nunca tinha acontecido. /.../

Essa parte da narração do processo de sair do armário funciona para explicar a transição entre o período de experimentação (na base da brincadeira) à primeira experiência afetiva, a partir da qual ela construirá a identidade de bissexual. Entre as linhas 58 e 88, Nádia oferece uma série de orientações e avaliações sobre seus/suas amigos/as e sobre suas experiências sexuais com amigas, imergindo o/a ouvinte no seu contexto e estado de ânimo como eram antes de sentir afetividade por uma menina pela primeira vez. Como na narrativa sobre o beijo na televisão, ela caracteriza seu grupo de amigos/as (e sua geração em geral) como pessoas abertas a práticas e estilos de vida não-normativas, com orientações e avaliações como “eu vejo minha geração muito assim de experimenta::r e [...] de s- se abrir para as oportunida::des, para as possibilidades” (linhas 59 a 60), e volta a descrever-se e seu grupo de amigo/as como adolescentes rebeldes (“Sexo drogas e rock ‘n’ roll”, linha 67). Adicionalmente, ao mencionar a orientação que “até os meni::nos me::smos tinham essas experiê::ncias de experimenta::r” (linha 62), com o uso da palavra “até” antes de “os meninos” ela indiretamente frisa um padrão duplo que opera na sociedade

atual: a experimentação de práticas bissexuais é mais aceita quando acontece entre meninas do que entre meninos (ver Breno e Galupo 2009), frequentemente por causa dos efeitos do machismo entre os próprios meninos.

Quando ela menciona “eu passei a namorar o cara que veio a ser o pai do meu fi:ilho, també:m nesse perí:odo” (linhas 72 e 73), embora na história total de sair do armário possa ser considerada uma ação complicadora, nessa parte funciona como uma orientação. A menção ao namoro com o menino, e que “às vezes a gente ficava com ami::gas ju:ntos e tal” mostram que nesse período ela realizava “práticas bissexuais”, mas que, como ela explica a seguir, ainda não tinha experimentado “afetividades bissexuais”. Assim, ela explica que não tinha construído ainda uma performance identitária de bissexual; considerava ainda as práticas sexuais com as meninas como uma brincadeira (“Mas sempre levei tudo muito na brincadeira assim, porque eu nunca eh: (.) tinha gosta::do me:smo de uma meni::na”, linhas 74 e 75).

A partir daqui, Nádia constrói alguns “requisitos” para assumir o rótulo de bissexual. Explicando que ela pensava que nunca ia se apaixonar por uma mulher (linhas 80 e 81), ela se avalia como “uma: (.) bissexual meio TO::Rta” (linha 82), enfatizando a palavra “torta” com um alongamento e um aumento considerável do volume da voz. Depois ela repete essa avaliação, enfatizando sua importância: “É, eu considero que era meio to:рта em virtude disso, >porque eu só me< relaciona:va só namora::va me::smo e tal com ho:mens, né? com mulheres eu não tinha (.) essa experiência <afeti:va>” (linhas 84 a 86). Destarte, Nádia indiretamente define os requisitos, segundo ela, para se identificar como bissexual. Através da ideia da afetividade, são empregadas as táticas de *desnaturalização* e *deslegitimação* para negar, pelo menos parcialmente, a “genuinidade” e legitimidade das pessoas que realizam “práticas bissexuais” nas suas relações sexuais, mas que não sentem afetividade por “ambos” os sexos (também reforçando novamente o binário homem/mulher). Essas pessoas são “bissexuais meio tortos/as” ou não completamente verdadeiros/as e legítimos/as, e ela se considerava assim até sua primeira experiência afetiva.

5.2.5 Primeira experiência afetiva com uma menina

A partir da “definição” da bissexualidade como desejo sexual e afetividade por homens e mulheres que Nádia construiu na seção precedente, ela

começa, na linha 88, a contar a história da sua primeira relação afetiva com uma menina. O/a ouvinte é melhor preparado/a para entender a importância dessa relação por causa das orientações e avaliações oferecidas por Nádia na seção precedente. Nessa parte, que vai da linha 88 à linha 125 da transcrição (ver anexos para a transcrição completa desta parte; aqui veremos somente alguns enunciados), Nádia explica que aos dezenove anos namorava um menino há mais de um ano, quando conheceu uma menina chamada Alicia na escola. Nádia conta uma série de eventos que levam o/a ouvinte na transição entre o período de namorar o menino e o período do primeiro namoro sério com uma menina: conhecer Alicia, sentir-se interessada por ela, passar a participar do mesmo círculo de amizades, beijar-se pela primeira vez e terminar o namoro com o menino. Porém, Nádia escolhe não elaborar sobre esses momentos, que poderiam servir para contar outras narrativas, sobre, por exemplo, exatamente o que aconteceu quando ela conheceu Alicia, quando terminou a relação com o namorado, etc.

Nessa parte da história do processo de sair do armário, ela se concentra sobre as dificuldades de começar a sentir afetividade por uma mulher.

0107	Nádia	/.../ (.) terminei meu namo:ro,
0108		isso foi um um grande dra::ma, né? Ess- esse momento de transição
0109		que foi muito maluco mesmo (.) de:: (.) falar
0110		“Não, então eu tou apaixonada por uma mulher então vou bancar i:so”
0111		porque eu sou muito assim, eu acredito mui:to no que eu si::nto né?
0112		e eu sigo <veementemente> isso assim.
0113		Então:: se eu tou sentindo isso não vou:: - vou me permitir (.) viver (.) isso.
		((linhas omitidas sobre a relação com o menino))
0120	Nádia	E daí:, foi confu:so, foram uns dois três meses de transição eu ainda meio
0121		que com ela meio que com e::le::,
0122	Eli	Mm
0123	Nádia	nê? dividi::da, sofrendo mui:to, né? pra pra aceitar essa situaçã::, e (.) e
0124		tudo o que ia vir com aqui:lo né? /.../

Caracteriza esse período como um “momento de transição” (linha 108) que ela avalia como “muito maluco mesmo” (linha 109), e mais tarde como “confuso” (linha 120). Ao final do extrato, Nádia oferece mais orientações, explicando que durante esse período de transição, que durou alguns meses (linha 120), se sentia “dividi::da, sofrendo mui:to, né? pra pra aceitar essa situaçã::” (linha 123), enfatizando as palavras “dividida” e “muito” com alongamentos e aumentos de volume. O momento foi “maluco” e “confuso” e provocou sofrimento emocional não simplesmente porque ela sentia afetividade por duas pessoas, mas porque uma dessas pessoas era uma mulher. Isso mostra a transição

de ver “práticas bissexuais” como brincadeiras em direção a considerar a afetividade e uma eventual identificação como bissexual com mais seriedade.

Apesar de explicar essas dificuldades, Nádia frisa seu papel agentivo na decisão de namorar Alícia. Embora antes ela tenha caracterizado o processo de se apaixonar como algo que lhe aconteceu, com frases que não indicam muita agência da parte dela, como “as coisas foram acontecendo” (linha 98) e “a gente foi se aproximando” (linha 99), ao falar da decisão de namorar Alícia neste extrato, ela se representa mais ativamente. Sua narração muda de contar orientações gerais para reportar diretamente seu diálogo interior: ““Não, então eu tou apaixonada por uma mulher”” (linha 110), e se caracteriza como uma pessoa que acredita muito no que sente (linha 111), e marca seu modo de seguir seus sentimentos com o advérbio forte “<veementemente>”, falado mais lentamente para enfatizá-lo. A seguir, toma mais uma vez um papel agentivo dizendo “vou me permitir (.) viver (.) isso”, enfatizando cada palavra com uma breve pausa entre elas.

A seguir, Nádia conta uma narrativa complexa sobre a primeira vez que a sua mãe a viu passando tempo com Alícia e intuiu que estavam juntas. Embora Nádia tenha negado as acusações da mãe, ela teve que sair de casa durante um período e morar com Alícia, e a mãe a ameaçava com tirar a guarda do seu filho. Não vamos analisar detalhadamente esta narrativa, que vai da linha 125 à linha 205 da transcrição (ver anexos), mas é interessante notar que, como Olímpia, Nádia não oferece avaliações explícitas da mãe, e é importante frisar que a narrativa serve para mostrar as dificuldades que as duas meninas tiveram que superar juntas e a força da ligação afetiva entre elas. Como veremos na próxima seção, a forte relação afetiva com Alícia levou Nádia a se questionar se era lésbica.

5.2.6 Do questionamento à construção explícita da identidade bissexual

Depois da resolução da narrativa mencionada ao final da seção anterior, Nádia imediatamente explica que por causa da sua relação afetiva com Alícia, começou a se perguntar se era lésbica. Nádia termina a coda da narrativa anterior com a frase “Mas enfim estamos aí” (linha 205), se referindo ao fato de estar finalmente junta e feliz com Alícia e depois começa imediatamente a explicar

esse período de questionamento sobre a possibilidade de se identificar como lésbica.

0205	Nádia	Junto com a <u>coisa</u> . Mas enfim estamos aí. E aí >fica aquela< <u>dúvida</u> ,
0206		“pô será que eu sou <u>lésbica agora</u> ”
0207	Eli	Mm
0208	Nádia	“que me apaixonei por uma mulher?”
0209		“Será que é <u>i::sso?</u> , será que não é?”, entendeu?
0210		E: (.) fiquei pensa:ndo <u>mui::to</u> sobre <u>i::sso</u> durante alguns <u>me:ses</u> .
0211		>Até que cheguei a essa conclusão “Acho que não”<
0212		assim de que eu, já fui feli::z com <u>ho::men</u> ,
0213		já me apaixonei por <u>ho:men</u> s, não sou heterofó:bica,
0214	Eli	hh
0215	Nádia	sabe, porque as pessoas >acham que quem é< ga::y ou, né?
0216		é heterofóbico, enfim.=Não- não é o ca:so.
0217		E <u>aí</u> : eu- (.) tou pensando isso “Bom. É <u>i::sso</u> , sou bissexual <u>me::s</u> mo, né?
0218		Eu tenho a capacidade de <amar um ho::mem ou amar uma mulhe::r>,
0219		da da mesma fo:rma, com a mesma intensida::de, com o mesmo praze::r”,
0220		sabe. E então >eu eu< me identifico assim, né?
0221	Eli	Sim
0222	Nádia	como bissexual. <u>Nó::s</u> eh:: foi o ano passa::do a Alicia e eu que

Essa parte da história apresenta uma série de orientações e avaliações explicando como Nádia começou a se identificar como bissexual. Relatando seu diálogo interno como fala reportada (“pô será que eu sou lésbica agora [...] que me apaixonei por uma mulher?”, linhas 206 e 208, e “Será que é i::sso?, será que não é?”, linha 209), Nádia traz o/a ouvinte para dentro do seu processo de avaliação das experiências contadas na narrativa anterior. Não nos conta todos os passos desse processo, notando simplesmente que durou alguns meses (linha 210), pois nos conta sua conclusão de não se identificar como lésbica como fala reportada do seu diálogo interior (““Acho que não””, linha 211). Não se identifica como lésbica porque antes de namorar Alicia também tinha sido feliz com homens (linha 212) e apaixonada por homens (linha 213). Depois, esclarece que para ela, decidir que não se identifica como lésbica significa que se identifica como bissexual, nos reportando seu diálogo interior: “Bom. É i::sso, sou bissexual me::smo, né? Eu tenho a capacidade de <amar um ho::mem ou amar uma mulhe::r>, da da mesma fo:rma, com a mesma intensida::de, com o mesmo praze::r”” (linhas 217 a 219). Na construção identitária de Nádia são empregadas as táticas de *autenticação* e *autorização*: ela constrói sua performance identitária de bissexual como real e legítima por ter sentido afetividade por homens e mulheres, em contraste com a sua construção como “bissexual meio TO::Rta” (linha 82), por causa de não ter sentido ainda afetividade por uma mulher à época. Por outro lado, a construção identitária de Nádia exclui a possibilidade de se

identificar como bissexual, mas sentir afetividade por mulheres e homens com níveis diferentes de intensidade, ou sentir desejo sexual mas com graus de prazer diferentes. Nessa parte, Nádia consegue construir uma performance bissexual “autêntica” e ao seu ver “legítima”, mas na sua fala são *desnaturalizadas* e *deslegitimadas* certas performances bissexuais. Adicionalmente, é reforçada a concepção da sexualidade baseada no sexo/gênero dos/as parceiros/as.

5.2.7 Afirmações da identidade bissexual

Depois de explicar a transição entre o período de questionamento sobre a possibilidade de se identificar como lésbica e a construção explícita de uma identidade bissexual, Nádia conta uma narrativa que afirma sua performance identitária bissexual, frisando pela primeira vez um relacionamento com um homem:

0222	Nádia	como bissexual. <u>Nó::s</u> eh:: foi o ano passa::do a Alicia e eu que
0223		a gente teve um rompimento sé::rio na relação.
0224		E me relacionei com um rapa::z nesse (.) intervalo de (.)
0226		dois três meses que a gente teve separa::do.
0227		>Fiquei com ele< algumas <u>ve::zes</u> , e ta::l.
0228		E assim ((hesita)) (.) eh:: ... h <curti>, né?
0229		Enquanto <mulhe::r> (.) enfim (.) bissexua::l >não foi uma experiência<
0230		ruim, nem traumatiza:nte, [nem nada]
0231	Eli	[hhh]
0232	Nádia	Claro que não é a melhor coisa do mundo, né?
0233		Quando você não go::sta, né?
0234		cê cê pensa em outra pesso::a, você queria estar com outra pesso::a
0235	Eli	Sim, claro
0236	Nádia	<u>Ma::s</u> , eh- >também foi uma <u>afirmação</u> <,
0237	Eli	Mm
0238	Nádia	assim, novame:nte, né? De que eu sou <u>bi</u> -ssexual.
0239		E isso assim ‘isso’ faz as pessoas >sentirem ameaçadas<, né?
0240		O fato de ter ficado com um ca::ra...
0241		pra (.) minha parceira foi <u>muito</u> mais complicado de que
0242		>se eu tivesse ficado com uma mulher<.

Nádia começa a narrativa com o resumo parcial “foi o ano passa::do a Alicia e eu que a gente teve um rompimento sé::rio na relação. E me relacionei com um rapa::z nesse (.) intervalo de (.) dois três meses que a gente teve separa::do” (linhas 222 a 226). Embora o resumo pareça detalhado, o considero parcial porque ela não liga a experiência de ficar com o menino com a ideia de reafirmação da bissexualidade que conta ao final. O resumo contém duas ações complicadoras (“a gente teve um rompimento sé::rio” e “me relacionei com um rapaz”) e depois ela adiciona mais uma, repetindo a ideia da anterior: “>Fiquei com ele< algumas ve::zes” (linha 227). Similarmente às outras narrativas, na sua

performance narrativa Nádia se concentra mais sobre as avaliações do que as ações mesmas. Depois dessas três breves ações complicadoras, tem um período de avaliações entre as linhas 228 e 238. Ela avalia a experiência dizendo “<curti>” (linha 228), mas só depois de algumas hesitações: uma breve pausa silenciosa, a pausa preenchida da palavra “eh::” alongada, outra pausa silenciosa mais longa e uma inspiração, indicando que “curtir” não explica exatamente seus sentimentos em relação à experiência. Depois explicita, “Enquanto <mulhe::r> (.) enfim (.) bissexua:l >não foi uma experiência< ruim, nem traumatiza:nte, nem nada” (linhas 229 e 230) mas que não foi “a melhor coisa do mundo” (linha 232) porque ela na verdade queria estar com Alicia (linhas 233 e 234). A seguir, continua avaliando a experiência, comentando, “>também foi uma afirmação< [...] assim, novame:nte, né? De que eu sou bi-sssexual” (linhas 236 e 238). Ela frisa a palavra “bissexual” acentuando a primeira sílaba e fazendo uma breve separação entre a primeira e a segunda sílaba. Desta vez, interessadamente, ela autentica sua bissexualidade através da afirmação de ter gostado das relações sexuais com o homem. Porém, em contraste com a definição prévia na qual a afetividade era importante, durante o relato ela frisa que sentia a falta da ligação afetiva que tem com Alicia (linhas 232 a 234). Isso indica que para Nádia, para se identificar como bissexual é importante poder sentir afetividade por homens e mulheres, mas que sentir desejo também é um “requisito”.

Subsequentemente, entre as linhas 239 e 282, Nádia explica como esse relacionamento com um menino foi interpretado por Alicia e como a afetou. Essa parte será analisada no próximo capítulo. Depois dessa última narrativa, Nádia conclui a história geral de sair do armário assim:

0281	Nádia	agora tou namorando uma mulhe::r então eu tenho que...
0282		que vivenciar assim, essa experiência”.
0283		E tá sendo ↑ótimo assim. Tá sendo be:m (.) gratifica:nte tá.
0284		=T- ter <u>encontra:do</u> de verdade essa identidade porque aí dizi-
0285		>eu me considerava bissexual< mas assim, era muito (.) < <u>v:ago</u> >, né?
0286	Eli	Mm
0287	Nádia	meu argumento,
0288		não tinha tido ainda uma <u>experiência</u> de <u>verda:de</u> com uma mulhe::r.
0289	Eli	°Sim°
0290	Nádia	Né? Para pode:r >dizer< “Claro, eu sou bissexual”,
0291		>hoje em dia< já <u>↓te::nho</u> né?

Nádia conclui sua história com uma resolução que começa na linha 283 e termina na linha 290 (sendo particularmente avaliativa nas linhas 283 a 284), seguida por uma coda na linha 291. Nessa resolução, ela frisa de novo o percurso

de sentir que não “era realmente” bissexual até ter uma relação afetiva com uma mulher. Ela se considerava bissexual, mas de modo “muito (.) <v:ago>” (linha 285), parcialmente deslegitimando sua performance identitária. A experiência afetiva com uma mulher serve para ela sentir ter o direito de se rotular como bissexual: agora ela sente ter um “argumento” (linha 287) “Para pode::r >dizer<” (linha 290) que se considera bissexual. É interessante também o uso do verbo “encontrar” para falar da identidade bissexual. Embora possa aparecer um reforço da ideia essencialista de uma identidade fixa e pré-estabelecida, eu o interpreto como um exemplo da importância dos rótulos na prática para fazer as pessoas se sentirem situadas no mundo (Kendall 2009) e parte de certas comunidades imaginadas (Anderson 1983).

5.2.8 Considerações finais sobre a história de sair do armário de Nádia

Em geral Nádia não constrói sua identidade de bissexual explicitamente dentro das narrativas; tende a contar uma narrativa para provar certo ponto (por exemplo, a força da ligação afetiva entre ela e Alicia) e depois constrói sua identidade usando as narrativas como orientações para o/a ouvinte entender porque se identifica assim. Desta maneira, a estrutura da sua história mostra outra característica do processo de sair do armário: situações diferentes acontecem, seguidas por períodos de reflexão, antes de decidir como construir e performar a identidade sexual. Nádia tende a usar alongamentos e mudanças de tom e volume para enfatizar orientações importantes e avaliações implícitas, particularmente durante os longos trechos nos quais explica seu processo de reflexão sobre a sua performance identitária. Através das suas narrativas, Nádia constrói sua “definição” da bissexualidade: desejo sexual e afetividade por homens e mulheres. A afetividade tem um papel principal para Nádia; as pessoas que sentem desejo e afetividade são *autenticadas e autorizadas* como “verdadeiras bissexuais legítimas”, enquanto as pessoas que só têm experimentado desejo são *desnaturalizadas e deslegitimadas* como “bissexuais tortas”, não (totalmente) genuínas e (pelo menos parcialmente) ilegítimas.

5.3 Flávia

Flávia é uma ativista que tinha 31 anos na época da entrevista e que recentemente começou a se rotular publicamente como bissexual depois de vários anos se identificando como lésbica (ver seção 4.5.3 para uma contextualização mais detalhada). A história do processo de sair do armário de Flávia é mais longa (entre linha 32 e aproximadamente linha 173 da transcrição) que a de Olímpia, mas mais curta que a de Nádia. Isso pode refletir o fato de Flávia ter começado, segundo ela, a sentir desejo por mulheres nos últimos seis ou sete anos, e/ou seu estilo pessoal de narração, que tende a ser mais resumida. A estrutura da história é parecida com a de Nádia: família, primeira experiência sexual com uma menina, primeira relação afetiva com uma menina. Flávia começa com uma contextualização da família que inclui uma narrativa mínima sobre um primo que saiu do armário. A seguir, conta outra narrativa pouco desenvolvida sobre a primeira vez que teve uma experiência sexual com uma menina quando era criança ou jovem adolescente. Depois, resume rapidamente seus dois casamentos com homens. Finalmente, conta uma narrativa sobre sua primeira relação afetiva com uma mulher, Dani: desde como se conheceram e começaram a namorar, a como deixou o seu marido e a reação dele, a como terminou a união estável com Dani depois de seis anos. Nessa narrativa, Flávia oferece várias orientações e avaliações sobre a relação e sobre sua performance identitária de lésbica durante aquele período. A seguir, menciona que agora se está apaixonando por um homem que vive em outro estado. A história de sair do armário de Flávia não tem um final bem marcado, como no caso de Olímpia, que voltou ao tema do resumo inicial, ou como Nádia, que resolveu a história explicando como “concretizou” seu entendimento da sua performance identitária bissexual. Nas próximas subseções, examinaremos essas partes da história mais detalhadamente.

5.3.1 Início e orientações sobre a família

Flávia começa sua história de sair do armário com breves narrativas sobre a sua infância, como Olímpia, e sobre o âmbito familiar, como Nádia. Essas escolhas são talvez influenciadas pelo fato que esta vez, em vez de simplesmente pedir que a agente me contasse sua história de sair do armário, mencionei os temas da família e de como entendeu que gostava de mulheres (linhas 29 a 30). Porém, embora eu tenha mencionado a família especificamente, não pedi para ela

me contar sobre a infância ou *quando* reconheceu que gostava de mulheres.

0028	Eli	Sim. Geralmente para começar eu: pergunto para as pessoas como é a história de sair do armário. Para, "não sei", entender que você: (.) gostava também de mulheres, ou (.) como foi com a sua família, essas coisas.
0029		
0030		
0031		>Geralmente começo assim< para ter um- um lugar comum onde h (.)
0032	Flávia	Ah assim, na verdade, é... na minha infância eu nunca vi muito isso, era muito mais escondido, assim... O público, eh as lésbicas e, os gays, eles apareceram (.) mais dentro do armário, não se assumiram.
0033		
0034		
0035		Até um dia que >tinha< eu tenho um primo que ele se assumiu gay, e aí a minha família TO-DA "tipo" ()° repudiou ele.
0036		
0037	Eli	Sim
0038	Flávia	E aí eu fiquei: com aquela coisa meio na minha cabeça, sabe?
0039		E aí eu tinha uma amiga e todos os dias a gente brincava...
0040		e aí minha mãe viajou:, ela foi para minha casa e a gente brincou,
0041		() de se conhecer, e eu não sei nem se naquela hora- naquela hora,
0042		que eu tava me conhecendo, gostando de menina, ou se me conhecendo,
0043		tem essa coisa de
0044	Eli	Sim
0045	Flávia	sabe? de adolescente, a curiosidade... de se conhecer. Sabe?
0046		E aí eu gostei:, mas aí, >a minha família toda era Testemunha de Jeová<,
0047		sabe? inclusive eu era Testemunha [de Jeová]
0048	Eli	[Sim]
		((linhas omitidas nas quais Nádia abre a porta e nos cumprimenta))
0052	Flávia	Então assim ficou aquele pessoal e aí não:, sabe?
0053	Eli	Sim
0054	Flávia	Você tem que se casar com homem, você tem que ser hetero,
0055		você tem que casar com homem aqui dentro do Salão do Reino,
0056		tudo me pesava muito. E eu ter casado com homem
0057		que não era da religião já foi, sabe?
0058	Eli	Mm
0059	Flávia	um escândalo. E aí eu casei com ele, o casamento com ele foi péssimo,
0060		"sabe"? E::: volvi- sei lá, ele era muito agressivo, (.)
0061		e aí eu me separei dele me-, e aí eu não me casei no papel com outro,
0062		me divorciei dele mas eu não me casei com o outro,
0063		que seria o pai dos meus filhos, que tenho filhos,
0064	Eli	Sim
0065	Flávia	E::: ele é bem legal e tudo, só que, era amizade, era muito amizade, sabe?
0066	Eli	Sim
0067	Flávia	A gente tinha muito companheirismo, não amor, sabe?

Flávia começa com algumas orientações explicando que não tinha visto muitas pessoas “assumidas” identificando-se como lésbicas ou gays na infância (linhas 32 a 34). Conta uma narrativa mínima sobre seu primeiro contato memorável com uma pessoa que se assumiu como gay: seu primo. A narrativa mínima começa com o resumo “eu tenho um primo que ele se assumiu gay” (linha 35). As únicas ações complicadoras são “ele se assumiu gay”, contido no resumo, e a minha família TO-DA "tipo" ()° repudiou ele” (linha 36). A ênfase nas palavras “TO-DA” e “repudiou” funciona como uma avaliação implícita sobre a família, sugerindo que Flávia não concordou com o tratamento do primo da parte dela. A narrativa mínima termina com a resolução “E aí eu fiquei: com aquela coisa meio na minha cabeça” (linha 38), mostrando que a reação da

família a afetou, embora ela não explique exatamente como (por exemplo, se ficou com medo de “experimentar” performances não-heteronormativas, se afetou sua decisão de sair do armário mais tarde, etc.). Porém, essa caracterização da família, relacionada à pressão familiar “Você tem que se casar com ho::mem, você tem que ser hé::tero”, mencionada na linha 54, também serve para *autorizar* porque se identificou como homossexual até os 25 anos.

Depois dessa narrativa mínima, Flávia conta uma narrativa sobre a primeira vez que teve uma espécie de experiência sexual com outra menina. Começa com o resumo “eu tinha uma ami::ga e todos os dias a gente brinca::va” (linha 39), seguido pelas orientações “minha mãe viajou:” (linha 40), “ela foi para minha casa” (linha 40) e a ação complicadora “a gente brincou, () de se conhecer” (linhas 40 a 41). Flávia nunca explicita exatamente o que aconteceu entre ela e a menina, usando os verbos “brincar” e “conhecer-se”. Porém, oferece uma série de avaliações (“eu não sei nem se naquela ho- naquela ho:ra, que eu tava me conhecendo, gostando de meni:na, ou se me conhecendo, tem essa coisa de [...] sabe? de adolescente, a curiosidade... de se conhecer” (linhas 41 a 43 e 45) que sugerem que foi um momento de experimentação sexual. Flávia parece não saber exatamente como e com qual grau de seriedade interpretá-lo – como um momento de sentir desejo por uma menina, ou como um momento de sentir curiosidade de conhecer o próprio corpo – e as hesitações e frases incompletas na sua fala refletem essa falta de certeza. Porém, ela termina a narrativa com a resolução avaliativa “E aí eu gostei” (linha 46), mostrando que embora não saiba exatamente como interpretar a experiência, foi prazerosa. De certo modo, a performance identitária não-heterossexual de Flávia é *autenticada* e *autorizada* através de menções de momentos de experimentação na infância ou adolescência, como nas narrativas de Olímpia e Nádia. Porém, à diferença de Olímpia, Flávia não se preocupa em insistir que essa performance identitária era duradoura.

Subsequentemente, Flávia oferece mais algumas orientações sobre sua família e a influência da religião dos/as Testemunhas de Jeová, e sumariza rapidamente seus dois casamentos com homens antes de ter conhecido sua primeira parceira. Interessantemente, Flávia não conta narrativas nem elabora muito sobre essas relações, oferecendo só algumas breves orientações e uma avaliação para cada casamento: que o primeiro “foi pé:ssimo” (linha 59), alongando e enfatizando o adjetivo, e que o segundo marido “é bem legal e tu:do”

mas que a relação “era amizade, era muito amizade” (linha 65). Flávia elabora mais sobre o segundo marido no próximo extrato, no contexto de falar da sua primeira relação afetiva com uma mulher. Em contraste com o resumo breve das duas relações importantes com homens, Flávia dedica muito mais tempo a falar do casamento com sua primeira namorada, Dani. Na próxima seção, examinaremos essa parte da história do processo de sair do armário em detalhe.

5.3.2 Início da primeira relação com uma mulher

Depois das orientações sumarizando rapidamente seus dois relacionamentos importantes com homens, Flávia começa imediatamente a contar a história da sua primeira relação com uma mulher. Essa história ocupa a maioria da história de sair do armário e pode ser considerada uma narrativa abrangente composta por vários episódios narrativos, desde como conheceu a parceira e deixou o marido a como terminou a relação com a parceira.

0069	Flávia	E aí me apaixonei pela Dani. Conheci a Dani no traba::lho,
0070		me apaixonei por e::la, pela histó::ria, sei lá. Eu ficava curio::sa, sabe?,
0071		de tudo. Curiosidade de (.) como é um relacionamento (.) entre mulhe::res,
0072		eu acreditava mais (.) no cari::nho, na compreensã::o, na (.) so-
0073		na sensibili::da:de. E aí >eu queria a Dani para mim<.
0074		Eu bo- botei na minha cabeça, “>Eu quero isso para mi::m<,
0075		já entendi o que eu que::ro, >é isso o que eu que::ro<, vou assumi::r,
0076		e não <intere::ssa>, sabe?, quem seja contra”.
0077	Eli	=Ahã.
0078	Flávia	Aí:: (.) >assumi<.
0079	Eli	E isso foi quando, desculpa, isso foi-?
0080	Flávia	Cinco anos atrás.
0081	Eli	°Cinco anos atrás.°
0082	Flávia	Aí::, n- nisso, conversei com o pai dos meus filhos, ele ficou revolta::do,
0083		chatea::do e tudo, sabe? Teve o orgu::lho de::le- >hoje já somos amigos<.
0084	Eli	Sim
0085	Flávia	Mas teve aquele orgulho dele, tipo “Fui trocado por uma mulher”.
0086	Eli	Mm::.
0087	Flávia	Sabe?
0088	Eli	Sim.
0089	Flávia	[E aí]
0090	Eli	[E você] estava ainda com ele quando você começou-
0091	Flávia	Tava casada com ele,
0092	Eli	Sim
0093	Flávia	e aí me apaixonei por ela e comecei a sair com ela.
0094		E eu sentei com ele e conversei::, (.)
0095	Eli	[Sim]
0096	Flávia	[com] ele, explique o que tava acontecendo, que “Me separo
0097		por isso isso e isso” ((bate um copo na mesa cada vez que diz “isso”)),
0098		sabe? E aí (.) foi assim, e aí ele- eu pedi para sair da lo::ja porque::...
0099		°sabe°?... Tava- tava cha::ta a situação, ele- ele ia lá::, às vezes,
0100		mandava flo::res, tentando me rec- tentando me conqui::s[ta::r]
0101	Eli	[Ah::] sim
0102	Flávia	Mandava flo::res, mandava cestas, sabe? Cha-to, sabe?

0103	Eli	=Sim
0104	Flávia	Aí pedi para sair de lá, arrumei outro empre::go... sabe?
0105		Eh:: minha rela- meu relacionamento com ela foi (.) maravilha::so,
0106		tatuei o nome dela nas minhas co::stas... loucura. Isso é loucura.
0107		<u>Nunca</u> tatue o nome de ninguém nas costas.

Flávia começa com o resumo “E aí me apaixonei pela Dani” (linha 69) e conta a história de como se conheceram. Entre as duas ações complicadoras “Conheci a Dani no traba::lho” (linha 70) e “me apaixonei por e::la” (linha 70), e a ação complicadora “>assumi<” (linha 78), Flávia oferece uma série de orientações explicando porque queria se relacionar com uma mulher (linhas 70 a 76). Nessas orientações sobre suas expectativas para uma relação afetivo-sexual entre mulheres, Flávia associa tal relação a várias características ideologicamente associadas com a feminilidade: carinho, compreensão e sensibilidade (linhas 72 e 73).

Como Nádia, Flávia parece segura de si e relata seu monólogo interior frisando sua própria agência na decisão de namorar uma mulher pela primeira vez: “botei na minha cabeça, “>Eu quero isso para mi::m<, já entendi o que eu que::ro, >é isso o que eu que::ro<, vou assumi::r, e não <intere::ssa>, sabe?, quem seja contra” (linhas 74 a 76). À diferença de Nádia, que frisou a confusão, as dificuldades e o sofrimento que marcaram o período de transição entre a relação com seu namorado e a relação com sua primeira namorada, Flávia se constrói como muito decidida – se apaixonou por Dani e deixou o marido (linhas 93 a 94 e 96 a 97) – e não elabora sobre o processo de entender que sentia desejo e afetividade por uma mulher, de decidir deixar o marido, etc. A única dificuldade que menciona se encontra em uma série de ações complicadoras nas linhas 98 a 100, 102 e 104: sair do seu emprego porque seu (ex-)marido ia ao seu lugar de trabalho para tentar convencê-la a voltar para ele, uma situação que ela avalia como “cha::ta” (linha 99). Por um lado, a falta de informações sobre o processo de entender que sentia desejo e afetividade por uma mulher cria uma espécie de brecha na narração da sua construção identitária para o/a ouvinte; por outro lado, o fato de não chamar a atenção a essa “transição” é interessante porque serve para não reforçar o binário homem/mulher.

Flávia termina o episódio narrativo sobre como conheceu Dani e deixou seu marido avaliando a relação com Dani como algo “maravilha::so” (linha 105). Menciona também o fato de ter tatuado o nome de Dani no seu corpo (linha 106),

o que serve em parte para *autenticar* a importância da relação, embora ela avalie essa ação como uma “loucura” (linha 106) e me aconselhe de nunca fazer uma coisa parecida (linha 107). Na próxima subseção, veremos a continuação da narrativa abrangente sobre a relação com Dani.

5.3.3 Fim da primeira relação com uma mulher e construções identitárias como lésbica e bissexual

Na próxima parte da narrativa abrangente sobre sua primeira relação com uma mulher, Flávia explica alguns dos problemas que surgiram na relação e termina a narrativa explicando como ela e Dani se separaram. É nesta parte da narrativa onde Flávia discute diretamente como se identificava durante a relação com Dani: Flávia constrói explicitamente a sua identificação (prévia) como lésbica e implicitamente a sua identificação (atual) como bissexual.

0111	Flávia	E:.... e eu- na verdade assim, quando eu me relacionei com ela,
0112		foi por curiosidade.
0113	Eli	Sim
0114	Flávia	E me apaixonei. Só que ela... eh... como <vá::rias lé::sbicas>, enfim, tem-
0115		existe< a >sei la°< ehm di- di- diversidade de:, de sexualida::de
0116		de praze::res, >°enfim°< ela não go::sta de de, de ser toca::da,
0117		não go:sta >de ser<, de penetração::, ela fazi-, ela queria-, ela se veste (.)
0118		masculiniza:da, e ela queria... eh... ela reproduzia para mim um homem!
0119	Eli	Mm
0120	Flávia	E aí isso, fiquei pensando tipo, sabe?, aos poucos eh. Eu ama::va, eu tinha-
0121		era, ela era minha companhei::ra... ma:s aquela coisa,
0122		era casada com, <praticamente> com um homem, sabe?
0123	Eli	°Sim°
0124	Flávia	E e, assim, era pior:, porque o homem é- (.) gosta de ser tocado. Né?
0125		Mas ela não:.
0126	Eli	°Sim°
0127	Flávia	E era só (.) para mim ((indica ser tocada)), tipo e aí, fui (.)
0128		ficando de saco cheio. E aí f- foi passando o tempo e a gente já não-...
0129		já não fazia- já não tinha mais relaço::s, e aí:, >não queria mai::s<, sabe?
0130		E aí ela também não queri::a, e aí ficou:: foi rola:ndo,
0131	Eli	°Sim°
0132	Flávia	E teve (essa vez) a gente conversou, sentou conversou, nós (.)
0133		nós separa::mos. E:.... agora tou- estou me senti:ndo... <livre>... sim eh...
0134		na verdade estou sentindo uma liberda:de que nunca tive.
0135	Eli	Mm
0136	Flávia	Fui de um relacionamento pro ou::tro,
0137	Eli	Sim
0138	Flávia	Tou sentindo uma liberdade assim.
0139		E:: eu- eu ficava naquela questão, quando, eh, quando...
0140		a questão de (.) ela não deixa ser- ser tocada e só eu receber?
0141		Aí eu me sentia como si (.) “então não sou lésbica”, [sabe?]
0142	Eli	[Mm]
0143	Flávia	Só pelo fato- por ela ser uma mulher. Mas aí, s- só eu que recebo? Sabe?
0144		Quer dizer, ela usava... eh es- esses brinquedinhos, cintos que eles usam...
0145		e... sabe... para penetração, ela era praticamente um homem.
0146	Eli	Mm

0147	Flávia	Sabe? >Quer dizer<, então sentia <u>também</u> desejo de sair com um homem.
0148		Sabe? Mas <u>depende</u> do homem, não- não qualquer ho:mem. Sabe?
0149		Me desperta, eu- me <u>desperta</u> um homem com inteligê:ncia, sabe?
0150		Conversar com homem inteligente é maravilhoso. E aí:: eu gosto,
0151		assim, sabe? Sinto a- uma <u>vontade</u> mesmo de sai::r, () muito bem,
0152	Eli	Sim
0153	Flávia	mas não chegou ainda tipo, depois que, me separei, morava com ela,
0154		então tá muito rece::nte, eu não:
0155	Eli	Eu não sabia ((até a semana da entrevista))
0156		que vocês não estavam mais juntas.
0157	Flávia	É. Tá muito rece::nte, tem um mê::s? um mês. E:: não tem volta mesmo,
0158		não tem retorno mesmo (.) nas duas partes. Nem eu quero, nem ela quer,
0159		tá bom assim como ami::gas e, sabe cada uma segue sua vi::da. O único
0160		problema e que vou ter que tatuar alguma coisa [acima do nome hh].
0161	Eli	[hh hh]
0162	Flávia	E um- (.) e o po- e a gente tinha um contrato de união está:vel.
0163		Aí () temos que resolver essas coisinhas. Mas manteve a amizade eu
0164		acho. E:: a questão de (.) me relacionar com ho::mem é ainda (.) uma coisa
0165		assi::m... Rece- eu tou <u>apaixonada</u> por este rapaz de ((cidade do nordeste)).
0166	Eli	Sim
0167	Flávia	Pô. Apaixonada por ele. Ele é sensí:vel, e ele <u>também</u> é bissexual.

Ao início desse trecho, Flávia oferece algumas orientações sobre Dani e as relações sexuais entre as duas mulheres. Flávia descreve Dani com orientações como “ela se veste (.) masculiniza:da” (linhas 117 a 118) em relação a sua estilização corporal, “ela reproduzia para mim um homem!” (linha 118), “ela era minha companhei::ra... ma:s aquela coisa, era casada com, <praticamente> com um homem” (linhas 121 a 122). Com tais depoimentos da tática de *adequação*, Flávia constrói a performance de gênero de Dani como uma performance ideologicamente associada à masculinidade⁶. Repete “era praticamente um homem” ao explicar que Dani sempre usava cintos com dildos⁷ para penetrá-la (linhas 144 a 145) e que Dani não permitia que Flávia a tocasse (linhas 116 a 118 e 140). Essas construções da performance de gênero e das práticas sexuais de Dani, ideologicamente associadas com a masculinidade, contrastam com as expectativas ideologicamente associadas à feminilidade que Flávia tinha para

⁶ Interessantemente, nas atividades no Grupo Arco-Íris, ao construir e avaliar sua própria performance de gênero, Dani geralmente menciona gostar de fazer uma estilização corporal “masculinizada”, mas insiste que sua personalidade tem mais a ver com características ideologicamente associadas à feminilidade (se caracteriza como sensível, doce, bem educada, etc.). Adicionalmente, nunca menciona se considerar transgênero, de querer ter um corpo “de homem”, ou de se identificar como uma lésbica *butch*; e quando reconstrói em narrativas as negociações identitárias que acontecem nas conversas no GAI, autoriza a fala dos homens que se identificam como gays e dizem que ela é “viado” porque “masculinizada fora” mas “feminina dentro”. No entanto, na performance discursiva de Flávia, o uso do dildo e o fato de não querer “receber” carinho “masculinizam” Dani, embora nas suas próprias performances discursivas, Dani separe sua estilização do corpo “masculinizada” da sua “personalidade feminina”.

⁷ “Dildo”: termo émico usado pelas agentes que significa “consolo”.

uma relação com uma mulher (carinho, compreensão, sensibilidade, etc.), mencionadas nas linhas 72 e 73 do extrato anterior.

É nesse contexto que Flávia, que se identificava publicamente como lésbica durante aqueles anos de relacionamento com Dani, observa “Aí eu me sentia como si (.) “então não sou lésbica” [...]. Só pelo fato- por ela ser uma mulher. Mas aí, s- só eu que recebo?” (linhas 141 e 143). Nessas orientações, vemos vários componentes diferentes na construção identitária em relação ao sexo biológico, às performances de gênero e às práticas sexuais. Flávia questiona se se relacionar com mulher é “suficiente” para se identificar como lésbica, assim abrindo a possibilidade para a *deslegitimação* de certas performances identitárias lésbicas (e talvez bissexuais também). Se sente “menos” lésbica por duas razões principais. Primeiro, porque sua parceira a penetra sempre com um dildo – assim, vemos a associação do falo, mesmo um falo prostético, com o sexo masculino e a heterossexualidade. Segundo, ao observar que sua parceira não permitia que Flávia realizasse atos sexuais no seu corpo, Flávia sugere que as atividades sexuais devem ser mútuas para se considerar “realmente” lésbica.

Embora Flávia use o rótulo de “lésbica” para falar de como se identificava publicamente durante o período de sua relação com Dani, na sua fala constrói a possibilidade de outro tipo de identificação dizendo que “sentia também desejo de sair com um homem” (linha 147). Ao usar o passado imperfeito do verbo “sentir” (“sentia”) e enfatizar a palavra “também”, Flávia mostra que os desejos e afetividades que sente atualmente por homens e mulheres não são uma novidade. Desta maneira, é *autenticada* a performance identitária bissexual como algo duradouro apesar do período no qual ela se rotulava como lésbica. Mais tarde durante a entrevista, Flávia explica também que não usava o rótulo “bissexual” em parte por causa da sua parceira Dani: “o fato de eu ser casa:da, >se falasse que era bissexua::l< (.) ah::: ela in↑far↓ta:va!” (linhas 293 a 294). Nesta parte da entrevista, Flávia se rotula explicitamente como bissexual, e, usando o passado imperfeito do verbo “ser” (“era”), mostra mais uma vez que a ideia de se identificar como bissexual não é uma novidade. Embora seja *autenticada* a performance identitária bissexual como algo duradouro através desses usos do passado imperfeito, também é reforçado um discurso identitário essencialista: parece que a bissexualidade é uma identidade fixa, escondida atrás de uma performance identitária pública de lésbica. Finalmente, Flávia também

oferece uma avaliação implícita de Dani e da percebida dificuldade de “sair do armário” como bissexual para Dani ao dizer “in↑far↓ta:va!” com grandes mudanças de tom e volume. Examinaremos este depoimento mais em detalhe no próximo capítulo, em relação aos problemas de preconceitos sobre as pessoas que se identificam como bissexuais.

Ao concluir a narrativa sobre sua relação com Dani explicando que as duas ainda são amigas apesar de a relação ter terminado (linha 163), Flávia começa a falar da possibilidade de se relacionar com um homem pelo qual ela se sente apaixonada neste momento. Nesta parte da entrevista, Flávia se associa indiretamente ao rótulo de “bissexual” ao dizer “ele também é bissexual” (linha 167), enfatizando a segunda sílaba da palavra “também” e insinuando que ambos se identificam como bissexuais. Flávia não constrói sua identidade usando o rótulo bissexual diretamente até mais tarde durante a entrevista, ao falar de problemas de discriminação dentro do movimento LGBT; esse aspecto da sua construção identitária será discutida no próximo capítulo. Adicionalmente, essas menções sobre o final da relação com Dani e as orientações sobre o homem que se identifica como bissexual pelo qual Flávia está interessada neste momento servem como o final da história de sair do armário. A história não tem uma resolução marcada como no caso da história de Olímpia, porém, parece encerrar-se nessa parte porque depois começamos a falar de outros temas, particularmente sobre a discriminação e os preconceitos relacionados às pessoas que se identificam como bissexuais.

5.3.4 Considerações finais sobre a história de sair do armário de Flávia

A história do processo de sair do armário de Flávia se concentra em sua relação com Dani, o que pode refletir o fato dela ter se identificado como lésbica durante vários anos antes de começar a se identificar como bissexual. Como as outras agentes, sua história do processo de sair do armário contém várias narrativas encadeadas, refletindo a complexidade e duração do processo. A história não tem um final bem marcado, o que pode refletir o fato de que sair do armário seja um processo aberto e infinito, e/ou o fato de ela ter assumido o rótulo de bissexual há pouco tempo. Flávia se constrói como bissexual implicitamente ao final da história e mais explicitamente mais tarde durante a

entrevista. Nessa construção implícita, se inclui no rótulo bissexual dizendo que outra pessoa “também” se identifica como bissexual. Adicionalmente, através do uso do tempo verbal imperfeito é *autenticada* implicitamente a identidade bissexual como algo duradouro apesar do período no qual se identificava como lésbica, embora isso reforce também a ideia essencialista de uma identidade “verdadeira” escondida atrás de outras performances identitárias. Finalmente, no depoimento de Flávia é reforçada a ideia da sexualidade definida pelo sexo/gênero do/a parceiro/a; porém, ao questionar se podia ser considerada lésbica por se relacionar com uma mulher “masculinizada” que a penetra com um dildo, ela abre a possibilidade para uma desconstrução interessante daquela definição da sexualidade.

5.4 Considerações finais: as implicações das construções identitárias nas histórias de sair do armário

Nas histórias sobre o processo de sair do armário de Olímpia, Nádia e Flávia, as táticas de intersubjetividade que mais surgem são a *autorização* e a *autenticação*. Nas histórias das três agentes, a performance bissexual é *autenticada* como algo duradouro através de narrativas sobre experiências de sentir desejo por meninas, beijar meninas e/ou ter experiências sexuais com meninas desde a infância ou o início da adolescência. À diferença de Nádia e Flávia, Olímpia enfatiza explicitamente a importância de sentir/fazer essas coisas desde a infância, talvez refletindo o fato dela ainda não ter tido relações sexuais ou uma relação afetiva com uma menina. O uso frequente da *autorização* e da *autenticação* para estabelecer a bissexualidade como uma performance identitária duradoura pode ser uma estratégia para lidar com o preconceito de a bissexualidade ser considerada só uma fase antes de se declarar ou homossexual ou heterossexual, embora tenha outras consequências, como veremos em breve.

Na história do processo de sair do armário de Nádia, essas táticas surgem também de outra maneira: ela constrói alguns “requisitos” para se identificar como bissexual: sentir desejo e afetividade por homens e mulheres (o que reforça o binário homem/mulher). Deste modo, ao contar narrativas sobre sentir desejo e afetividade por “ambos” os sexos/gêneros, a sua performance identitária bissexual é *autenticada* e *autorizada*. Porém, se abre também a possibilidade para a *desnaturalização* e *deslegitimação* de outras performances identitárias (por

exemplo, uma pessoa que sente desejo por homens e mulheres, mas não afetividade). Em uma outra conversa comigo e com os membros do Grupo Arco-Íris, Nádia sugere que a sua “definição” seja adotada pelas pessoas do GAI que se identificam como bissexuais, para que as performances identitárias bissexuais sejam tomadas a sério e não vistas como uma fase dentro do grupo e do movimento LGBT.

Como mencionamos no Capítulo 3, será útil que os/as ativistas usem o rótulo “bissexual” para fins de ação política, mas o uso deste rótulo deve ser acompanhado por processos de desconstrução para essa categoria não se tornar rígida, fixa e excludente. Dentro do Grupo Arco-Íris, para lidar com o preconceito em que a bissexualidade é vista só como uma fase e/ou algo pouco “sério”, pode ser útil que os/as outros/as ativistas escutem os depoimentos sobre a “bissexualidade duradoura” e “séria” nas narrativas de Olímpia, Nádia e Flávia. Porém, isso deve ser acompanhado por processos de desconstrução da ideia da sexualidade como algo fixo. Desta maneira, será mostrado que as performances identitárias *podem* ser (embora não tenham necessariamente que ser) duradouras, e será autorizado o rótulo “bissexual” para quem quiser se apropriar dele; ao mesmo tempo, será fomentada a aceitação da experimentação, da fluidez da sexualidade e da diversidade sexual em geral⁸.

Como vimos nos “requisitos” de Nádia, nas histórias do processo de sair do armário, as três agentes tendem a criar uma divisão nas suas narrativas entre relações com homens e relações com mulheres, reforçando o binário homem/mulher e a definição da sexualidade com base no sexo/gênero do/a parceiro/a. Isso reflete as expectativas da sociedade heteronormativa e as opções linguísticas disponíveis na matriz heteronormativa. Também, as agentes se preocupam com esclarecer e validar o desejo por mulheres, mas não por homens, o que também reflete a heterossexualidade presumida na sociedade e as expectativas homonormativas para histórias de sair do armário.

Porém, as construções identitárias das agentes também abrem várias oportunidades para desconstruir e desestabilizar o binário homem/mulher e a definição da sexualidade com base no sexo/gênero do/a parceiro/a. Quando

⁸ Digo “será fomentada a aceitação...” para indicar as intenções e o resultado desejado; porém, seguindo a Sullivan (2003), reconheço que os efeitos das estratégias políticas nunca são totalmente previsíveis.

Flávia se pergunta se podia ser considerada lésbica embora se relacionasse com uma mulher com uma estilização corporal de gênero “masculinizada” que usava um dildo para penetrá-la durante as relações sexuais, seu depoimento mostra um dos problemas de definir a sexualidade com base no sexo/gênero do/a parceiro/a: as performances de gênero não se encaixam nitidamente nas duas opções do binário homem/mulher, então a sexualidade não pode se encaixar nem dentro do binário heterossexualidade/homossexualidade, nem dentro da tríade heterossexualidade-bissexualidade-homossexualidade tampouco. Ao mencionar as práticas sexuais mesmas e se preocupar que o uso exclusivo do dildo nas relações sexuais a fizesse ser “menos lésbica”, Flávia equipara o uso de um falo (prostético) para penetrar uma vagina com uma prática heterossexual. A lista de preferências para certas práticas sexuais além do sexo/gênero do/a parceiro/a de Bornstein (ver seção 2.4) oferece uma maneira para repensar esse uso do dildo. Adicionalmente, a ideia da contrassexualidade de Preciado ([2000] 2011) é útil para desconstruir esta associação do uso do dildo à masculinidade e às práticas heterossexuais – para Preciado, o uso do dildo não reforça, mas parodia e subverte, o sistema dominante de sexo/gênero, realizando uma “mutação pós-humana do sexo” ([2000] 2011: 23). Pensado assim, essa prática sexual faz de Flávia um sujeito “subversivo” e contrassexual em vez de “mais heterossexual e menos lésbica”.

Destarte, embora essas preocupações de Flávia sobre o que é “suficiente” para se identificar como lésbica (e, por extensão, bissexual, heterossexual, etc.) abram a possibilidade para a *deslegitimação* de certas performances identitárias, também abrem a oportunidade para a desconstrução e desestabilização do binário homem/mulher e a definição da sexualidade com base no sexo/gênero do/a parceiro/a. As questões levantadas por Flávia podem ser usadas nas discussões do Grupo Arco-Íris para desconstruir as categorias da sexualidade, frisar a diversidade infinita de sexualidades e formas de prazer e fomentar a aceitação da bissexualidade e da diversidade sexual em geral.